

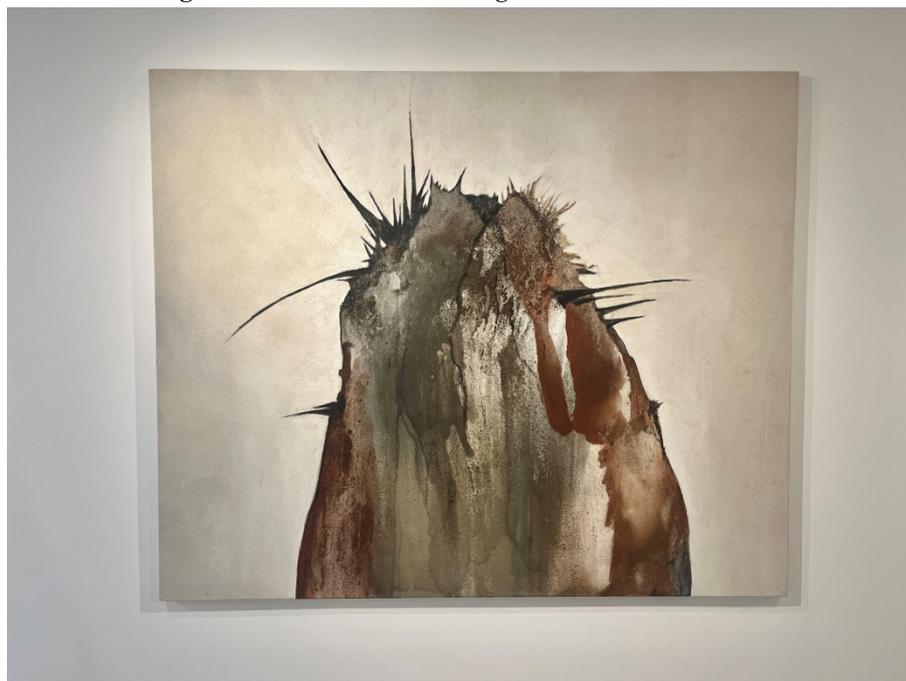
Histórias da Terra: a geografia das cores de Marlene Almeida**Historias de la Tierra: la geografía de los colores de Marlene Almeida****Stories of the Earth: the geography of colors by Marlene Almeida**

Mosir de Melo Barbosa Neto¹
Universidade Federal de Pernambuco

Em sua mais recente exposição individual na cidade do Recife, intitulada *Histórias da Terra*, Marlene Almeida traz a continuidade da sua pesquisa com mais de 50 obras inéditas desenvolvidas ao longo de cinco meses especificamente para essa exposição, que esteve na Galeria Marco Zero, no bairro de Boa Viagem, de 16 de maio a 27 de julho de 2024. No dia seguinte à abertura da exposição, foi promovida uma conversa entre Marlene Almeida e os visitantes da galeria, por meio da qual a artista respondeu a perguntas e compartilhou histórias, observações e percepções acerca de sua obra e as questões que o seu trabalho toca. Algumas das informações sobre a artista e sua obra aqui descritas foram retiradas dessa conversa.

Marlene Almeida é muitas coisas: pesquisadora, artista, militante, professora, colecionadora de cores. Sua pesquisa consiste em um trabalho de catalogação e mapeamento de pigmentos produzidos a partir das terras e minerais — suas cores, sua materialidade e sua territorialidade —, compondo uma geografia das cores que toca em questões de espaço, tempo e memória. As expedições que a artista realiza com sua família e outros colaboradores para coletar os materiais utilizados na pesquisa culminam nos resultados pictóricos trazidos ao longo de sua trajetória artística de mais de 50 anos, que aparecem também em *Histórias da Terra*.

¹ Artista visual, arte-educadora e estudante do Bacharelado em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui formação complementar voltada à experimentação pedagógica com foco em metodologias críticas, interdisciplinares e inovadoras, que articulam criação, tecnologia e engajamento sociocultural em contextos educativos diversos. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0546-964X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6463647266863580>. E-mail: mosir.barbosa@ufpe.br.

Figura 1 – Marlene Almeida. *Agudo como serra II*. 2024

Fonte: A autora.

A artista começou a realizar exposições com pigmentos de terra no início de década de 80. O início da sua pesquisa foi quase casual, surgindo a partir da simples curiosidade pelas cores, inicialmente apenas em argilas. Ao longo trilhar seus caminhos, começou a incorporar mais tipos de terras e minerais à sua prática e incorporar métodos mais rigorosos de estudo e catalogação dos materiais utilizados. Marlene Almeida destaca que o trabalho com terras é interdisciplinar e envolve conhecimentos de diversas áreas, tais como Geologia, Geografia, Química, História e Arqueologia. A união desses conhecimentos transforma a artista em uma espécie de alquimista dos solos com foco na elaboração artística.

Ao chegar na exposição, tive a impressão de sentir que um leve cheiro de terra parecia permear toda a galeria, embora não saiba se aquilo se tratava de um sentido real ou apenas uma sensação evocada pelas obras. Muitos dos trabalhos são ricos em texturas formadas pelos materiais minerais de diferentes graus de granulidade em conjunto com os aglutinantes, criando caminhos na imagem; marcas de passagem que remetem à própria erosão do relevo dos quais os pigmentos terrosos são retirados. A presença de minúsculos fragmentos cristalinos de diversos tamanhos na superfície das pinturas concede às obras um brilho proveniente dos reflexos das luzes da galeria, que acentuam a percepção das texturas e cintilam de várias maneiras à medida que se caminha ao redor das obras. O interesse pelas texturas presentes em muitas das obras despertaram, em mim e em alguns visitantes, uma inquietação causada pela vontade de tocar nas pinturas.

As imagens são obras de arte contemporânea, composições que tendem ao abstracionismo ao mesmo tempo em que relatam a visualidade dos percursos das expedições realizadas pela artista, evocando a sensação de estarmos diante de uma paisagem, um reflexo pictórico de locais que existem no mundo e na memória da artista. Os nomes de várias obras fazem referência a estruturas e formas geomorfológicas: veios, cumes, vales, serras.

Figura 2 – Marlene Almeida. *Veios da terra IV*. 2024

Fonte: A autora.

Mesmo que a temática de sustentabilidade e a urgência de se perceber os processos de transformação ambiental decorrentes da ação humana na natureza estejam em evidência atualmente, a pesquisa de Marlene Almeida com argila e pigmentos terrosos e minerais já perdura há mais de 50 anos e aponta para a paixão da artista e um contato muito próximo com a Terra e com a natureza, do qual todo seu trabalho é resultado. A artista, que se declara militante política, cultural e ecológica, afirma que possui um forte apego e fascínio pela própria terra, suas formas e os materiais que extrai em sua pesquisa e utiliza em suas pinturas.

O contexto de mudanças climáticas evidencia a possível efemeridade da realidade material dos solos e do próprio ambiente natural. Observar as pinturas de Marlene Almeida em *Histórias da Terra* nos lembra de que nossos pés estão sobre algo que frequentemente esquecemos. Pigmentos terrosos foram os primeiros a serem utilizados pelos humanos a partir dos ocre (Gomes; Rosina; Oosterbeek, 2014) e a utilização destes e de outros tipos de pigmentos minerais atravessam toda a história da arte em diversas partes do mundo (Hradil *et al.*, 2003). A artista reconhece o valor dos pigmentos de terra e contempla sua importância como elementos de práticas ancestrais de criação artística desde o período pré-histórico.

Figura 3 – Marlene Almeida. *Sala de pesquisa*. 2024

Fonte: A autora.

Seu trabalho nos convida a uma reflexão acerca do tempo, da matéria, da paisagem, de permanências e efemeridades. Sua obra ensina a refletir sobre a materialidade potente que está sob nossos pés, cuja temporalidade atravessa bilhões de anos e propõe outro modo de viver e consumir as coisas, se relacionando com a postura política da artista. Para populações rurais que vivem do solo e da agricultura, como a artista pôde observar quando deu aulas de arte às crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a importância da terra e suas formas e relevos, assim como sua manipulação e utilização, seja na vida cotidiana ou na arte, tornam-se um importante elemento de conexão com o espaço (Costa, 2023), que constitui o ambiente natural e sua materialidade como lugares de memória (Nora, 1989) que, por sua vez, alicerçam a identidade cultural a partir da memória coletiva dessas comunidades. Essa postura propõe outras formas de configurar as relações entre o indivíduo e espaço e se alinham às ideias de pensadores como Ailton Krenak (2018, p. 2), que descreve cosmovisões que Marlene também observa em sua prática, como ele expressa acerca da relação dos povos originários com a terra: “[...] o sujeito coletivo pertence ao lugar, é o oposto político do lugar que pertence ao indivíduo. Os Kaiowa Guarani lutam pela terra porque pertencem à terra, não porque a terra pertence a eles; a terra não pertence a ninguém”.

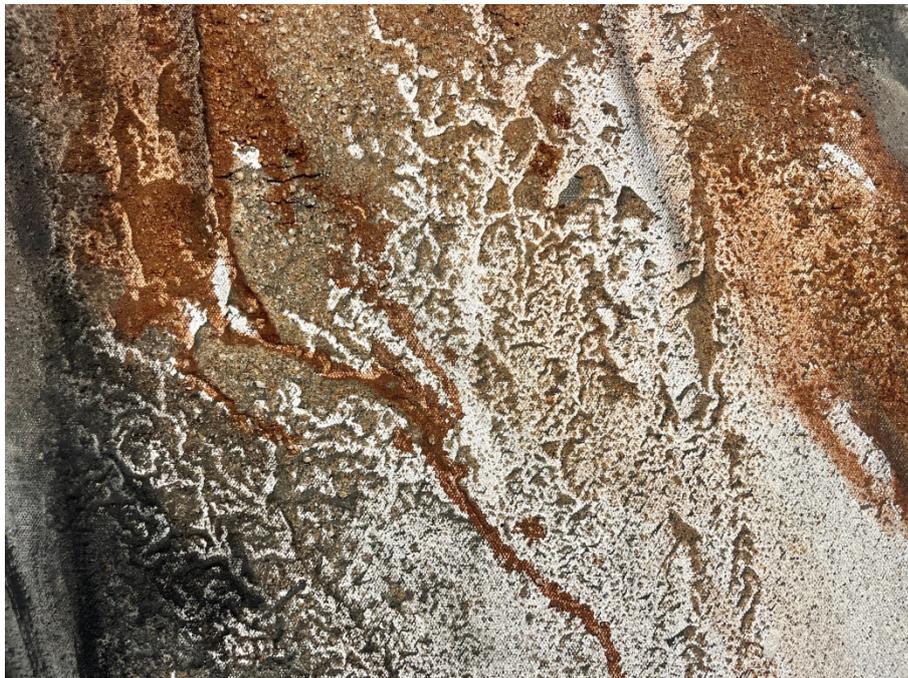
O trabalho que Marlene Almeida traz em *Histórias da Terra* propõe caminhos de retorno, de reencontrar coisas que a humanidade perdeu a partir de práticas ancestrais de produção a partir da terra que integram o sujeito e o espaço através do tempo e da memória.

Figura 4 – Marlene Almeida. *Vermelho como terra*. 2024. *Agudo como serra III* ao fundo



Fonte: A autora.

Figura 5 – Marlene Almeida. *Agudo como serra III* (detalhe). 2024



Fonte: A autora.

Referências

- COSTA, V. M. *Mergulho no seco: a matéria da terra enquanto elemento conector cultural*. 2023. Dissertação (Mestrado em Pintura) – Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto, 2023. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/155494/2/651022.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- GOMES, H.; ROSINA, P.; OOSTERBEEK, L. Natureza e processamento de pigmentos de pinturas rupestres. In: DINIS, P. A.; GOMES, A.; MONTEIRO, S. R. (org.). *Proveniência de materiais geológicos: abordagens sobre o Quaternário de Portugal*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, 2014. p. 193-212. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/32070>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- HRADIL, D. *et al.* Clay and iron pigments in the history of painting. *Applied Clay Science*, [S. l.], v. 22, n. 5, p. 223-236, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/222554679_Clay_and_iron_pigments_in_the_history_of_painting. Acesso em: 17 abr. 2025.
- KRENAK, A. Ecologia política. *Ethnoscintia*, [S. l.], v. esp., n. 2, p. 1-2, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v3i2.10225>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10225/0>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- NORA, P. Between memory and history: Le lieux de mémoire. *Representations*, California, v. 26, p. 7-24, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2928520>. Acesso em: 17 abr. 2025.

Data de recebimento: 28/01/2025

Data de aceite: 05/06/2025